

INVARIÂNCIA E VARIABILIDADE
 NUMA PERSPECTIVA PSICOLINGUÍSTICA

MARIA DA GRAÇA CASTRO PINTO

Fac. de Letras do Porto

A língua (materna) como objecto a conhecer por parte da criança não se lhe apresenta sob uma forma uniforme. A criança entra em contacto com variados tipos de linguagem que não só dependem, por exemplo, do grau de familiaridade, da idade e dos conhecimentos do interlocutor mas também da existência de diferentes modos de se poder expressar um mesmo acontecimento.

Desta forma, considerar noções como invariância e variabilidade numa perspectiva psicolinguística genética, de índole construtivista, pode remeter-nos para conceitos como possível e necessário, diferenciação e integração, generalização e abstracção e ainda para o processo de construção que permite aceder à invariante em virtude de um pensamento que se torna dinâmico e que passa a dominar operações de transformação.

A invariância, a que nós atribuímos de preferência a designação de invariante, poderá ser compreendida, do ponto de vista psicolinguístico, como uma construção passível de ser considerada em diferentes níveis linguísticos. Assim, e nesta perspectiva, teremos de abordar a aquisição da linguagem como um processo que não será o resultado de descobertas que se apoiem em dados verbais observáveis mas sim de hipóteses (cf. H. Sinclair et al., 1985). Neste processo, o da aquisição da linguagem, constata-se que por vezes as hipóteses levantadas são viáveis mas que outras vezes são meramente criadoras de conflitos, os quais por seu lado tanto dependem como são responsáveis pelos progressos que se registam na criança.

Achegas de ordem prática contribuirão para fundamentar as implicações teóricas inerentes ao tema em discussão, i.e., invariância e variabilidade numa perspectiva psicolinguística.

INVARIANCE AND VARIABILITY
IN A PSYCHOLINGUISTIC PERSPECTIVE

Children are not introduced to their (native) language as an object to be apprehended in a uniform way. They contact with different kinds of language which depend, for example, not only on the level of familiarity, age and knowledge of the interlocutor, but also on the fact that different events may be expressed in different ways.

Considering notions as invariance and variability under a genetic psycholinguistic view of constructivist nature, may eventually lead us to notions like possible and necessary, differentiation and integration, generalization and abstraction and also to a construction process. This allows us to reach the invariant by means of a thinking process which becomes dynamic and dominates the transformation.

Invariance, which we prefer to call invariant, may be psycholinguistically understood as a construction process which may be analysed at different linguistic levels. We shall then approach the question of language acquisition as a process, not resulting from research on evident verbal facts but from mere hypothesis (cf. H. Sinclair et al., 1985). Often in this process of language acquisition the hypothesis formulated are feasible. Some other times, however, they merely bring about conflicts, which either depend on or are responsible for the child's progress.

Practical approaches may contribute to provide a basis for the theoretical implications within the theme under discussion, i.e., invariance and variability under a psycholinguistic view.

Dentro da perspectiva por que optei para tecer algumas considerações sobre a invariância e a variabilidade, tentarei estabelecer um paralelo entre uma abordagem psicolinguística genética e uma abordagem epistemológica (genética) no domínio específico da linguagem, tendo em linha de conta, como refere H. Sinclair

(1974, p. 45), que o estudo da língua pode ser uma parte importante da epistemologia. Por outras palavras, e com todas as limitações provenientes dos poucos dados ainda existentes a nível da literatura, tentarei fundamentar a hipótese de uma possível relação entre o desenvolvimento psicolinguístico (e cognitivo) da criança no que diz respeito à construção e elaboração de certos subsistemas linguísticos e o estudo de como o conhecimento linguístico (a nível, pelo menos para já, de um subsistema em particular) pode passar de formas mais simples, no início, a construções mais complexas e mais potentes ao longo da sua evolução.

Se considerarmos o desenvolvimento cognitivo da criança nos vários domínios (noção do tempo, de espaço, de causalidade, de número, etc.) deparamos evidentemente com fases bem determinadas que se localizam grosso modo nos períodos pré-operatório e operatório (concreto e formal). Esse desenvolvimento acompanha uma passagem da indefinição à diferenciação, da centração à descentração, das pseudo-necessidades à abertura de novos possíveis, de um pensamento estático a um pensamento que considera as transformações e que permite a construção de invariantes (de significação) que dominam as transformações e que permite a construção de invariantes (de significação) que dominam as transformações e garantem a conservação (cf. Furth, 1969; Ginsburg e Opper, 1969; Inhelder e Caprona, 1985; Inhelder, Garcia, Vonèche, 1977; Piaget, 1976, 1977; Piaget e col., 1981 e 1983).

Numa perspectiva construtiva, que é a que partilho nesta exposição, teremos de considerar a língua como um objecto, entre outros, a ser construído e que se encontra em interacção com o sujeito que é activo, não deixando de realçar, como salienta Karmiloff-Smith (1985, p.114): "an internal loop of constant reconstruction, (...) the intricate interplay between the respective and changing roles of subject and object in that reconstruction process".

A Língua como objecto a construir apresenta evidentemente características específicas que a tornam peculiar. Uma das características que, de acordo com A. Karmiloff-Smith (1985, p.114), reforça mesmo a perspectiva construtivista em detrimento da perspectiva realista é o facto de a linguagem revestir uma fugacidade que faz com que já não exista como objecto-mensagem na altura em que a criança necessita de a analisar e de proceder às respectivas categorizações a vários níveis. Por outro lado, a língua, como refere H. Sinclair (1974, p.38), ao contrário de outros meios de representação (desenho, etc.) é convencional, possui uma gramática e a sua aquisição exige um modelo específico. A língua é assim um objecto de construção e também um aparelho de simbolização que permite a construção de outros objectos e de si própria. (c.f. H. Sinclair, 1972, p.364).

Contudo a língua é porventura um objecto privilegiado, apesar de peculiar, visto que no início se pode apresentar à criança sob uma forma mais adequada à sua capacidade de assimilação. Ela é apresentada à criança, de acordo com E. Veneziano, (1985, p.46), como um objecto que age (graças ao interlocutor que a utiliza) sobre a produção vocal da criança (na interacção verbal/vocal) e sobre a qual ela também pode agir (c.f. a assimilação funcional).

É evidente que a minha posição defende que as experiências e os conhecimentos adquiridos pela criança durante o período pré-verbal constituem uma preparação para a aquisição das primeiras exteriorizações verbais. Daí a importância do desenvolvimento cognitivo da criança no processo de formação da linguagem, à semelhança de diferentes autores como por exemplo Sinclair et al., 1985, não podemos deixar de considerar importantes para a aquisição da linguagem a elaboração da permanência do objecto e de noções como agente, acção, paciente. Como deixámos transparecer

atrás, importante sem dúvida para o desenvolvimento da linguagem é também a interacção verbal que se verifica na própria interacção social da criança.

Assim a noção de invariância, de invariante (de significação), também numa perspectiva psicolinguística, quanto a mim, só pode ser encarada se considerarmos a evolução da actividade cognitiva da criança e a formação das estruturas operatórias. Por outros termos, a invariante de significação (invariância) não é observável (mesmo que sujeito à assimilação do próprio sujeito e não objecto-cópia) mas sim uma construção do próprio sujeito.

Desta forma, se encararmos a permanência do objecto como um fenómeno de conservação, já teremos de a considerar uma invariante; por outro lado, a nível das diferentes fases relacionadas com o processo de conservação, vamos encontrar a determinado momento a presença de uma estrutura como invariante, face a mudanças de alguns dos aspectos observáveis. (c.f. Furth, 1969).

Relativamente ao fenómeno da conservação podemos observar diferentes níveis (diferentes invariantes de significação) cada vez mais fortes e complexos se caminharmos da permanência do objecto para a conservação do número, da matéria, do peso, do volume, etc. A designação "décalage horizontal" corresponde assim, em meu entender, a níveis de invariantes cada vez mais abrangentes, uma vez que se dão conta de um maior número de variáveis que correspondem a modos mais complexos de encarar o real no processo da sua construção.

A invariante que se liga à estrutura do momento e que traduz uma construção apoiada nas acções e operações do próprio sujeito não permanecerá porventura imperturbável, estável, imutável; face a perturbações, instabilidades (internas e/ou externas) ela procurará a compensação ganhando assim um poder de explicação mais abrangente porque menos preso ao particular, ao real, e porque

captador de um maior número de diferenciações e de possibilidades (de variabilidade). A invariante torna-se desta forma cada vez mais forte, mais atemporal. Porém só a nível de um pensamento lógico-matemático, formal elaborado é que o conteúdo se poderá considerar menos imprescindível.

Que se passa então no plano da língua?

Poderemos utilizar o mesmo tipo de instrumentos de descrição?

Todos sabemos que a criança começa com um modelo extremamente simples e que se torna aos poucos num sujeito falante que compreende e produz sem problema um número "infinito" de frases que nunca produziu nem ouviu antes. A criança está assim exposta a uma grande variabilidade de produções (a nível dos diferentes sub-sistemas que constituem a língua como sistema), i.e. ela depara com diferentes idiolectos e não com um modelo linguístico único.

Ora só uma actividade cognitiva construtiva e criativa, mesmo que também veiculada para o plano linguístico, pode permitir a acesso ao sistema que é inobservável.

Evidência da construção em causa é o que se constata nos primeiros anos da aquisição da linguagem em que, de acordo com Sinclair et al. (1985), a criança apresenta pseudo-necessidades a nível da própria linguagem. Estas pseudo-necessidades são conferidas pela rigidez que a criança apresenta em operar diferenciações, em admitir novas possibilidades. Assim, como salienta a autora atrás referida, a criança acha porventura impossível - daí o carácter de necessidade (pseudo), de invariante (pseudo) - que um acontecimento possa ser traduzido por mais do que uma descrição (vários possíveis) ou que eventualmente uma mesma descrição possa corresponder a diferentes acontecimentos. Para a criança existe um elo forte, necessário entre o acontecimento e a descrição desse acontecimento. E as pseudo-necessidades vão-se sucedendo à medida que novas diferenciações se operam, abrindo conseqüentemente outras possibilidades.

Desta forma, de acordo com o subsistema linguístico em questão, a criança vai construindo, a partir dos dados que lhe são fornecidos e que ela assimila, uma sequência de "padrões" de assimilação (de "pseudo-invariantes") que lhe permitem atingir ulteriormente uma compreensão cada vez mais abrangente das diferentes possibilidades com que já deparou ou com que possa vir a deparar. Por outros termos, a invariante de significação que traduz uma estrutura num dado momento resulta de uma estabilidade (sempre ameaçada) criada pelo sujeito e que lhe permite conferir conservação à estrutura apesar das transformações (externas) que possam surgir. Todavia as invariantes em construção serão também resultantes de transformações internas (e não só externas) causadas pelas perturbações relativas à estabilidade da estrutura: a nível do desenvolvimento cognitivo (especialmente operatório) teremos por conseguinte de admitir a existência de uma ameaça à invariante em virtude do dinamismo geral da auto-organização.

Consideremos neste momento algumas experiências relativas à aquisição de determinados subsistemas linguísticos que nos parecem ilustrar o processo construtivo atrás referido e que poderão corroborar a hipótese da construção da invariante e da sua possível consideração como algo sujeito a ameaças de instabilidade que poderão ser compensadas pela auto-organização, em virtude da interação que se gera entre a invariante e a variabilidade.

A primeira experiência diz respeito ao estudo do "Modo Passivo" (H. Sinclair e E. Ferreiro, 1970). Lembremos, como salienta a primeira autora citada, que a situação experimental encontrada para o estudo em questão (assim como para os outros a que farei referência) permite a abordagem de conhecimentos que não correspondem a um "saber-fazer" verbal de todos os dias mas que se aproximam já de um saber metalinguístico. O estudo em causa foi realizado em crianças dos quatro aos oito anos de idade e visava

a análise da compreensão de dois tipos de frases (reversíveis e irreversíveis), da produção de frases no modo passivo e da repetição de frases passivas. (1)

Ulteriormente, em trabalho apresentado em 1984 e publicado em 1985, H. Sinclair, partindo dos resultados encontrados em 1970, considera nesse mesmo estudo o caminhar dos possíveis em direcção ao necessário e a abertura sobre novos possíveis passando pela construção de (pseudo) necessidades. Considera a autora igualmente os processos de diferenciação e de integração que expressam respectivamente o possível e o necessário.

Foi sobretudo a faceta produção que conferiu maior número de dados relevantes. Partindo das crianças mais novas para as mais velhas, constatou a autora a ocorrência, no início, de uma descrição que revestia um carácter de necessidade (é assim porque deve ser assim: factual-normativo) causado pela falta de diferenciação a nível de possibilidades, de variabilidades. A criança ainda é incapaz de dissociar o acontecimento (o real) da descrição (do enunciado) de modo a poder considerar diferentes descrições possíveis do mesmo acontecimento. Seguidamente a autora pôde verificar que certos comportamentos ulteriores evidenciavam uma outra pseudo-necessidade já mais de ordem verbal: o 1º nome era necessariamente considerado o actante. Posteriormente e a um nível superior gera-se uma nova diferenciação que visa o próprio acontecimento e ainda não o enunciado. A criança parece ver a acção de dois pontos de vista: um centrado sobre o actante e outro centrado sobre o paciente considerando este último como aquele que faz qualquer coisa graças à acção do outro ("la camionette roule, c'est la voiture qui la pousse", Sinclair et al., 1985, p.49). A diferenciação seguinte parece eliminar, ultrapassar a pseudo-necessidade 1º nome = actante e permite uma descrição integrada numa só proposição. Nestes casos o 1º nome é o paciente mas este parece manter

uma certa actividade, uma certa iniciativa: "le camion demande à la voiture de le pousser" (Sinclair et al., 1985, p.49).

Estas diferenciações contínuas levariam, de acordo com a autora, à construção da noção de sujeito gramatical (ajuda em elaboração), noção formal que, como sabemos, se encontra destacada do conteúdo semântico.

Por consequência, H. Sinclair procura mostrar como um estudo deste género (o estudo do subsistema linguístico da passiva) - que conduz à conservação de uma invariante de significação que se destaca no decurso de modificações operadas no enunciado - mostra um caminho complexo em direcção à noção de sujeito gramatical por meio de diferenciações, de reintegrações abrindo cada uma novas possibilidades e novas necessidades à criança em função dos problemas que emanam de cada possibilidade/expressão.

A criança levanta assim hipóteses resultantes de uma construção e não parece descobrir simplesmente algo que extrai dos enunciados dos adultos. Por outras palavras, a noção de sujeito gramatical é uma construção do sujeito falante/cognoscente e não um observável.

Esta noção acaba por ser também uma invariante de significação que ressalta da coordenação de diferenciações que a criança integra (c.f. o domínio por parte da criança da reversibilidade).

A invariante necessita por isso de revestir uma capacidade totalizante para poder responder a novas possibilidades de actualização desse subsistema, em virtude de a linguagem ser algo de vivo.

Uma outra experiência que nos poderá levar a observar a superação de pseudo-necessidades, a consideração de novos possíveis e finalmente a construção/criação de uma invariante de significação relativa à noção de relação temporal (também ela expressa verbalmente) é o estudo de E. Ferreiro (1971) sobre as relações temporais na linguagem da criança.

Do estado de rigidez encontrado nas crianças mais novas (2)

passa-se à observação de uma dependência estrita entre a ordem efectiva dos acontecimentos e a ordem de descrição dos mesmos. Quer isto dizer que nessa fase (Não Reversibilidade) a ordem oferece uma pseudo-necessidade que em certas circunstâncias bloqueia a abertura a novas possíveis uma vez que os acontecimentos ordenados não gozam de um estatuto de independência, i.e. a criança estabelece a anterioridade ou a posterioridade de um dos acontecimentos utilizando o outro na qualidade de referente. Ainda de acordo com E. Ferreira (1971, p.368), a anterioridade de um acontecimento e a posterioridade de outro não funcionam no início como diferentes, como possibilidades, visto que a criança se encontra nessa altura subjugada por uma necessidade (pseudo-necessidade) que evidencia o facto de ela ainda não encarar os dois acontecimentos como relativos. Segundo a autora referida, a conservação da invariante de significação no interior das transformações sintácticas é uma aquisição contemporânea de outras actividades cognitivas e que têm origem na constituição de um sistema de operações reversíveis. Através de diferenciações e de reintegrações a criança vai passar a poder dominar o subsistema em questão quando extrai, como adianta a autora, de processos de ordem de enunciação, do uso de advérbios, das conjunções temporais e dos tempos dos verbos a invariante de significação que permite uma abordagem cada vez mais englobante do subsistema linguístico (e cognitivo) em causa.

Trata-se assim da construção por parte do sujeito (não é um observável) de uma parcela da gramática da língua através da construção a partir das suas próprias operações de uma invariante de significação que traduz o tempo relativo (em elaboração).

Dentro desta linha uma outra experiência digna de referência é a que se relaciona com o estudo efectuado por J. P. Bronckart, 1976 (e já mesmo em parte por Bronckart e Sinclair, 1973) e que mostra o processo de aquisição das noções de aspecto e de tempo⁽³⁾.

O autor verifica que no início a criança acentua sobretudo as particularidades da acção, o que faz com que sejam especialmente realçadas as características aspectuais da acção (acção acabada/inacabada)⁽⁴⁾. A nível pré-operatório gera-se de acordo com o autor, uma indiferenciação entre sujeito e objecto, enquanto que a nível operatório a criança considera a acção na sua realização total e estabelece uma relação entre essa acção e a sua própria situação temporal. O autor refere desta forma que as noções de anterioridade, de posterioridade e de simultaneidade exigem assim uma invariante de significação que corresponde à capacidade de reversibilidade das acções que acompanha a diferenciação entre o enunciado e o sujeito falante.

A criança organiza deste modo em sistema as forma e funções temporo-aspectuais um pouco, em meu entender, como Karmiloff-Smith (1985, pp.118;119) sugere relativamente ao sistema referencial. A criança, segundo a autora, parte da identificação de factos isolados, i.e. a criança faz corresponder uma forma a uma função, de modo independente; depois ela passa a diferenciar, através de mecanismos cognitivos, pares de forma/função e por fim acaba por tornar-se capaz de estabelecer todas as relações a nível de um dado subsistema. (A autora refere-se concretamente à passagem do uso isolado do artigo definido e indefinido ao seu uso como elementos de coesão num texto)⁽⁵⁾.

Do mesmo modo já em 1964 Ervin procurou mostrar em relação ao plural a consideração num primeiro momento de elementos isolados sem qualquer ligação com o respectivo (sub)sistema e posteriormente a sua inserção no respectivo (sub)sistema ao lado de todos os outros tipos de plurais possíveis.

À semelhança do que se mostrou no desenvolvimento psicolinguístico, penso que alguns trabalhos existentes a nível do estudo da evolução das línguas e de certos crioulos poderão apontar para

uma possível interacção entre invariante de significação e variabilidades. Os crioulos, graças à sua rápida evolução, poderiam mesmo permitir-nos a observação da coexistência de diferentes modos de estruturação (c.f. Sankoff, 1979; Bickerton, 1981).

Estarei desta forma tentada a levantar como hipótese que a nível de certos crioulos se poderão observar simultaneamente diferentes níveis de estruturação que caminharão possivelmente de formas mais simples para construções mais complexas e mais potentes, o que me levaria a avançar ainda a hipótese de uma passagem a invariantes cada vez mais fortes, por meio de processos de construção. A progressiva complexidade da língua crioula tenderia a ir ao encontro da língua dominante na qualidade de língua aferente. (c.f. Bronckart, 1976, p.27).

Retomando a experiência da autoria de Bronckart (1976), poderíamos encontrar no crioulo, de acordo com Traugott (1972), a passagem do aspecto ao tempo como construção assim como a de outras categorias gramaticais.

Quanto à passagem na história da língua de formas mais simples no início (mais concretas, mais ligadas à acção, mais dísticas) a construções mais complexas e mais potentes, poderemos referir como exemplo um dos poucos estudos feitos a este respeito sobre a hipótese de uma evolução histórica geral tendente a substituir o aspecto pelo tempo. Como refere Bronckart (1976), alguns dos autores que defendem esta hipótese explicam esta evolução por meio de uma modificação progressiva de atitudes psicológicas dos falantes (c.f. Humbert, 1960). Os gregos seriam por exemplo mais sensíveis ao aspecto em virtude de este ser mais concreto e subjectivo.

Watkins (1969) toma uma posição reconstrutivista e imagina uma espécie de filiação que vai do injutivo da língua hitita às relações temporais das nossas línguas naturais. Para o autor, como diz Bronckart, 1976, o perfectivo e o imperfectivo de conotações

aspectuais passariam por razões de ordem discursiva a ser respectivamente o passado e o presente. Bronckart salienta que F. Mossé (1925) também sublinhou o carácter transitório da categoria aspectual.

Outros dados relativos à evolução de mais subsistemas linguísticos revestiriam evidentemente todo o interesse na possível corroboração da hipótese aqui sugerida. Tais dados poderiam eventualmente ajudar a mostrar a importância do estudo da evolução da língua no domínio epistemológico e ajudar a estabelecer um possível (hipotético) paralelo entre a epistemologia e o estudo do desenvolvimento da linguagem na criança.

Palavras-chave desta exposição são consequentemente a variabilidade a que todo o sujeito falante está exposto a nível de todos os subsistemas linguísticos, sendo muito especialmente sensível a este factor o sujeito em fase de aquisição da linguagem; a invariante de significação que interactua com a variabilidade e que, quanto a mim, poderá passar por pseudo-invariantes, à semelhança do que se passa no plano das necessidades, até atingir níveis mais fortes de invariância ou pelo menos níveis óptimos de superação das implicações resultantes das várias possibilidades de actualização dos (sub)sistemas; a possibilidade, posta a nível de hipótese, de se poder estabelecer uma relação entre o desenvolvimento psicolinguístico na criança e as mudanças diacrónicas relativas à evolução da língua e as mudanças diacrónicas, por ventura mais rápidas, que se poderão constatar na história dos crioulos.

Se pudermos vir a estabelecer entre vários subsistemas (tal como vimos no domínio temporo-aspectual) um paralelo entre o que se passa na criança e o que se passa na história da língua ou do crioulo, poderemos provavelmente acompanhar processos de construção a caminho de ("jogos" de) invariantes de significação cada vez mais abrangentes passando eventualmente por momentos de possíveis

("jogos" de) invariantes de carácter mais fechado e consequentemente de poder menos explicativo

NOTAS

- (1) - Frases reversíveis são aquelas em que tanto o Nome que ocorre antes do Verbo como o Nome que ocorre depois do Verbo podem ser agentes da acção em causa. Ex: "O João lava o António" vs. "O António lava o João". Por seu lado, numa frase irreversível esta permuta já não é possível, pelo menos no mundo que nos rodeia. Ex: "O António lava o carro" vs. "O carro lava o António".
- (2) - As crianças observadas apresentavam idades compreendidas entre os quatro e os dez anos.
- (3) - Neste estudo foram observados sujeitos entre os três e os treze anos de idade.
- (4) - E. Ferreiro (1971, p.371) realça exactamente este mesmo facto.
- (5) - Talvez seja plausível relacionar as fases destacadas por Karmiloff-Smith e por nós referidas com os momentos salientados por Piaget e Garcia (1983) na obra "Psychogenèse et histoire des sciences". Os momentos em causa são os seguintes: o momento intra em que são identificados factos isolados; o momento inter em que esses factos são relacionados por meio de transformações e daí a importância da noção de invariante e o atingir da conservação através da invariante; e o momento trans em que se pode considerar existente o verdadeiro sistema de explicação: trata-se de uma capacidade de dominar sistemas de transformações com as suas invariantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BICKERTON, D. (1981): Roots of language, Ann Arbor, Karoma Publishers, Inc.
- BRONCKART, J.P. (1976): Genèse et organisation des formes verbales chez l'enfant, Bruxelles, Dessart et Mardaga.

- BRONCKART, J.P. e SINCLAIR, H. (1973): Tense, time and aspect, in "Cognition", 2(1), pp. 107-130.
- ERVIN, S.M. (1964): Imitation and structural change in children's language, in E.H. Lenneberg (ed.), "New directions in the study of language", Cambridge, Mass., M.I.T. Press. Referido por H. Sinclair-De Zwart, 1974, p.40.
- FERREIRO, E. (1971): Les relations temporelles dans le langage de l'enfant, Genève - Paris, Librairie Droz.
- FURTH, H.G. (1969): Piaget & Knowledge, Theoretical foundations, Chicago - London, The University of Chicago Press. (2ª ed., 1981).
- GINSBURGH, H. e OPPER, S. (1969): Piaget's theory of intellectual development, Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall, Inc. (2ª ed., 1979).
- HUMBERT, H. (1960): Syntaxe grecque, Paris, Klincksiek. Referido por J.P. Bronckart, 1976, p.24.
- INHELDER, B. e CAPRONA, D. de (1985): Introduction. Constructivisme et création des nouveautés, in "Archives de Psychologie", Vol. 53, nº 204, pp.7-17.
- INHELDER, B., GARCIA, R., VONECHE, J. (1977): Épistémologie génétique et équilibration, Hommage à Jean Piaget, Neuchâtel - Paris, Delachaux & Niestlé S.A.
- KARMILOFF-SMITH, A. (1985): A constructivist approach to modelling linguistic and cognitive development, in "Archives de Psychologie", Vol. 53, nº 204, pp.113-126.
- MOSSE, F. (1925): Le renouvellement de l'aspect en germanique, in "Mélanges offerts à J. Vendryes", Paris, Champion, pp.287-300. Referido por J.P. Bronckart, 1976, p.26.
- PIAGET, J. (1976): Le possible, l'impossible et le nécessaire, in "Archives de Psychologie", XLIV, 172, pp.281-299.
- PIAGET, J. (1977): Essai sur la nécessité, in "Archives de Psychologie", XLV, 175, pp.235-251.
- PIAGET, J. e colaboradores (1981): Le possible et le nécessaire 1, L'évolution des possibles chez l'enfant, Paris, PUF.
- PIAGET, J. e colaboradores (1983): Le possible et le nécessaire 2, L'évolution du nécessaire chez l'enfant, Paris PUF.
- PIAGET, J. e GARCIA, R. (1983): Psychogenèse et histoire des sciences, Paris, Flammarion, Nouvelle Bibliothèque Scientifique.

- SANKOFF, G. (1979): The genesis of language, in K.C. Hill (ed.), "The genesis of language", Ann Arbor, Karoma.
- SINCLAIR (DE-ZWART), H. (1972): A possible theory of language acquisition within the general framework of Piaget's developmental theory, in Parveen Adams (ed.), "Language in thinking", Middlesex, England, Penguin Education, pp. 364-373.
- SINCLAIR (DE-ZWART), H. (1974): Epistemology and the study of language, in "Problèmes actuels en psycholinguistique", Paris, éditions du CNRS, pp. 33-46.
- SINCLAIR, H., BERTHOUD, J. GERARD, J., VENEZIANO, E. (1985): Constructivisme et psycholinguistique génétique, in "Archives de Psychologie", Vol. 53, n° 204, pp.37-60.
- SINCLAIR, H. e FERREIRO, E. (1970): Étude génétique de la compréhension, production, et répétition des phrases au mode passif", Vol. XL, n° 160, pp.1-42.
- TRAUGOTT, E.C. (1972): Historical linguistics and its relation to studies of language acquisition and of pidgins and creoles, Lecture given at the U.C. Santa Cruz. Referido por J.P. Bronckart, 1976, p.27.
- VENEZIANO, E. (1985): Ver SINCLAIR et al., 1985.
- WATKINS, C. (1969): The indo-european origins of celtic verb, Dublin, The Dublin Institute for Advanced Studies. Referido por J.P. Bronckart, 1976, p.26.

DEBATE

PAIVA BOLEÃO. Ouvi com interesse a comunicação da Srª D. Maria da Graça Pinto e tocou-me o assunto que, se estou bem informado, não tem sido tratado entre nós, mas tem sido tratado noutros países. E não vou falar, na parte que se refere às crianças, mas no que se refere aos adultos.

Justamente noutros países bastante se tem escrito sobre o polimorfismo, com aspectos muito curiosos e que escapam aos dialectólogos. Felizmente, a dialectologia está outra vez a ser muito tratada, muito estudada em vários países. Já lá vão muitas dezenas de

anos quando alguém disse "os dialectólogos estão a acabar". Pelo contrário, hoje o que se verifica em vários países são Congressos, Encontros e estudos de dialectologia, com uma abundância enorme. Eu não quero demorar-me, mas queria apenas chamar a atenção para um artigo: "Un exemple de polymorphisme phonétique", a que dediquei uma pequena nota bibliográfica na Revista de Filologia em 1956. Mas o que é curioso, é que nós chamamos polimorfismos à coexistência na linguagem dum indivíduo que fala duas ou várias variantes fonéticas ou morfológicas de uma mesma palavra, utilizadas ao mesmo tempo para exprimir o mesmo conceito; a escolha de uma ou outra aparece como independente do condicionamento articulatório, etc., ou de uma nova investigação qualquer de expressividade.

Mas eu queria fazer referência a um outro aspecto que me parece interessante, e a que me referi num trabalho muito recente, foi publicado em 1942, há mais de 40 anos, sobre o estudo dos dialectos e falares portugueses.

Eu tiro daqui um exemplo muito curioso e a que não temos presta do a devida atenção (aos estudiosos de dialectologia): a diferença entre poesia simplesmente dita e cantada. Eu não sou capaz de a cantar: "Bendita, louvado seja a paixão do Redentor. Morreu para nos salvar e bendito seja Jesus". A mulher do povo que me recitou isto também cantou. Então eu pus aqui uma nota: pronunciou "salvari" quando cantou, depois "Ah! Senhor quem nos lá dera!", disse "ai" quando cantou. Quando recitou simplesmente pronunciou "ah". Se me permitem uma sugestão, é preciso cuidado. Uma coisa é uma poesia cantada e outra coisa é uma poesia simplesmente dita. É preciso, portanto, conviver com o povo algum tempo, alguns dias, e fazer inquéritos adaptados.

Bem, eu trazia poucos verbetes, mas em vários sítios se verificam várias pronúncias da mesma palavra no mesmo indivíduo (Gonçalo Correias "Actas de la Lengua Española Castellana"). Isto aplicado

a outras línguas. Vejamos, por exemplo, bêbado e bêbedo, já não falando no aspecto morfológico: o personagem, a personagem. O autor é Nelson Rocha. Quadras populares no sertão baiano, publicado nos Arquivos da Univ. da Bahia, na Fac. de Filosofia, em 1957/8.

Como vêem, noutros países já se estudaram estes aspectos. De maneira que permitia-me dizer que é preciso prestar também atenção entre nós a estes aspectos.

MARIA DA GRAÇA PINTO. No fundo tentei mostrar (e isso, que eu saiba, ainda não foi feito e daí o risco) até que ponto é que, a nível da linguagem como objecto, podemos considerar construção de "objectos" de acordo com uma teoria construtivista. Poderíamos então considerar um processo de evolução de construção de invariantes cada vez mais potentes.

Ora o que acontece é que em princípio, e para não errar muito, eu tenho de considerar a estrutura e não o léxico; porque se considerar o léxico o risco é maior.

Por isso é que ao referir os estudos já feitos sobre o crioulo me fixei na variação a nível de estrutura e não do léxico, do vocabulário. É a estrutura que é diferente nas gerações coevas. Correspondentemente errarei menos se insistir na invariante de significação relacionada com o plano estrutural, com o plano mais sintáctico. Isto explica a razão por que no resumo tinha escrito invariante semântica e depois mudei para invariante de significação. Fi-lo precisamente para não correr o risco da relação semântica/sintaxe.

MÁRIO VILELA. Em primeiro lugar, quero saudar a minha colega pelo trabalho que continua a fazer, praticamente quase sozinha. É mais uma prova que ela nos vai dando do trabalho em profundidade que faz com dados empíricos e, enfim, com amor mesmo àquilo que está a fazer.

Bem, isto é apenas um parêntesis. Vem agora o problema. Falou de invariante e de invariância. Sabe que no nosso tempo existem também os que dizem que não há invariantes, que há apenas usos e que é a partir dos usos que nós podemos deduzir a não variância. É evidente que tenho de distinguir entre a invariância diacrônica, que é uma coisa, e que portanto possui um grau de generalização muito maior, mais abstracto, e a invariância no sentido sincrónico. Portanto, tanto mais que fala numa análise estrutural, léxico ou sintaxe é o mesmo. No sentido estrutural teria de ser sintáctico porque o léxico teria outras implicações. A minha pergunta é a seguinte: acha que no plano sincrónico é possível falar-se hoje de invariante? Esta é a primeira pergunta. Segunda pergunta: se disser que há invariantes é a partir dessa invariante que constrói as variantes? Ou é o caminho inverso?

MARIA DA GRAÇA PINTO. Eu gostava de dizer que, por razões pessoais, não utilizei dados obtidos por mim para mostrar este processo de construção. Na primeira versão da comunicação tinha inserido esses dados mas depois eliminei-os porque tornaria a comunicação muito longa. Mas o material que apresento na minha tese de doutoramento permite mostrar precisamente essa construção do invariante de significação ilustrando os processos construtivos que eu referi há pouco.

Em relação à invariante e à invariância, encontro-me um pouco face a estas noções como certas obras de Piaget face ao necessário. Em meu entender, nós caminhamos para, mas o objecto afasta-se à medida que nos aproximamos. Contudo não sei até que ponto é que a linguagem pode ser modular de acordo com a "modularity theory" de Fodor. Se for modular, é possível que cheguemos a um ponto em que a gramática da língua atinja o limite e nessa altura teríamos de admitir que há um fechamento e que há uma invariante. Por exemplo, A. Karmiloff-Smith refere que tanto a nível da linguagem como a nível de

outros sistemas será possível considerar a certa altura uma compartimentação; esses sistemas ganharão assim independência, atingindo provavelmente também um limite. É possível que se possam considerar graus, níveis na invariância de significação de tal modo que se parte sempre para uma invariante cada vez mais forte, sobretudo se pensarmos no pensamento formal, lógico-matemático.

Acontece porém que a nível da linguagem nós estamos sempre em relação com o conteúdo. De qualquer maneira a que é que nós podemos chamar invariante a nível sincrónico? À tal norma? Eu acho que é antes qualquer coisa de inobservável e que se vai construindo. Quer dizer os usos vão-se multiplicando. É por que é que a norma será invariante? Ela pode ir sofrendo alterações. Quanto a mim, acho-a sujeita a uma construção. Parece-me que tratar da linguagem nesta perspectiva é um pouco difícil porque a linguagem como objecto de construção também não é de fácil consideração. Por isso, para ir ao encontro da minha hipótese, parece-me que deveria ser um objecto inatingível, quer dizer, um objecto sempre sujeito a construção. Contudo, é bem possível que se chegue a um certo momento em que essa construção atinja uma tal capacidade de explicação, se considerarmos a teoria dos módulos, que teremos algo de independente em relação a todos os outros sistemas e possivelmente um limite à vista.

MARIA HELENA MIRA MATEUS. Eu só queria dar uma informação, dado que se trata de um Encontro em que estamos todos a mostrar uns aos outros o trabalho que fazemos. Como diz o Mário Vilela, a Graça realmente está a trabalhar sozinha, e eu lembro que a Dulce Fanha, que neste momento está em Cabo Verde, está a trabalhar sobre o crioulo de Cabo Verde. A perspectiva, que hoje é muito actual, de que é possível encontrar no crioulo determinados indícios de um desenvolvimento da linguagem a nível psicogenético, é realmente tam-

bém uma perspectiva que ela tem encarado. É só para dizer que as pessoas podem chegar a um problema em comum partindo de pontos diferentes.

MARIA DA GRAÇA PINTO. O crioulo será uma língua da mais curta existência que poderá ser observada mais facilmente a nível da sua evolução, e que nos pode permitir explicar a própria evolução histórica da língua.